

MUNDO

A nova corrida ao ouro

O metal amarelo regressou como refúgio de investidores nervosos que perderam a confiança nas divisas. No final do ano poderemos chegar aos 800 dólares a onça se o euro passar a valer 1 dólar e meio

A onça de ouro atingiu um valor médio mensal em Setembro de 712,65 dólares, um máximo histórico mensal, em termos nominais, desde que o ouro começou a valorizar-se a partir de 1977. Este ano, a onça já se valorizou 18%.

James Turk, 60 anos, um analista independente norte-americano e responsável pela Goldmoney.com, referiu-nos que a sua estimativa é que “a barreira dos 800 dólares a onça, em média mensal, será atingida antes do final do ano, se o dólar se desvalorizar a ponto do câmbio do euro se situar em 1 dólar e meio”, um nível de desvalorização tal da moeda americana que nem em 1992-1993 havia sido atingido.

Em 1980, o ano em que o metal amarelo esteve mais caro, depois da crise dos reféns nor-

te-americanos no Irão em Novembro de 1979, a onça atingiu os máximos mensais de 675,30 dólares em Janeiro e de 673,62 em Setembro.

O pico histórico em termos de cotações diárias foi atingido a 21 de Janeiro de 1980 quando a onça fechou a 825,50 dólares, um recorde diário que ainda não foi batido.

Ainda está barato

Contudo, chama a atenção o analista, os preços nominais de 1980 não são, em termos reais, comparáveis com os de agora — os máximos mensais de 1980 equivalem a cerca de 2000 dólares de 2007.

“Estamos, ainda, muito longe desses níveis, o que significa, a meu ver, que, apesar destes al-

tos valores actuais a que estamos a assistir em 2007, o ouro continua relativamente barato — repito, barato —, e portanto um ótimo investimento para o futuro”, sublinha Turk.

“Não está fora de causa que atinjamos os 1000 dólares a onça, se as condições presentes se mantiverem em 2008 — ou seja, a continuação da desvalorização do dólar para níveis jamais vistos e do disparo do preço das «commodities»”, alerta o analista, que vê o regresso de um padrão de comportamento cíclico similar ao dos anos 1970-1980.

Diz Turk: “O ouro hoje está a subir em relação a todas as divisas — inclusive em relação ao euro. Isso já não acontecia desde os anos 1970, o que me sugere que estamos no início de repetir o que então sucedeu: disparo da

inflação e do preço do ouro, como refúgio seguro, e fuga das divisas nacionais”.

Suspeita sobre os bancos

O disparo do preço da onça foi quase para o triplo nos últimos seis anos.

Depois de ter estado “prisioneiro” num patamar entre os 250 e os 350 dólares de Setembro de 1997 a Dezembro de 2002, o metal amarelo parece ter-se libertado das grilhetas.

Os analistas e investidores do GATA (Gold Anti-Trust Action Committee), um movimento norte-americano de aficionados do metal amarelo, têm acusado os bancos centrais e algumas casas financeiras de ‘manipulação’ nos mercados do ouro procurando manter, artificialmente bai-



Depois de um período de cinco anos (1997-2002) em que o preço do ouro esteve 'prisioneiro' entre 250 e 350 dólares a onça, o metal amarelo ganhou asas: só este ano já se valorizou 18%

TRÊS PERGUNTAS A



James Turk

Fundador da Goldmoney.com

Que investimentos em ouro recomenda ao cidadão comum?
Deve comprar ouro — ouro físico. Não ouro em ‘papéis’, como certificados, contratos de futuros, ou outros instrumentos mais sofisticados, que são assunto para profissionais.

Tal como fazem os asiáticos investindo em joalheria?

Os asiáticos investem de facto em joalheria em ouro, não sobretudo por adorno, isso é secundário, mas como investimento — tal como os ocidentais são mais inclinados para o ouro em lingotes ou em moedas. Contudo, a compra do ouro físico acarreta problemas de armazenagem e segurança. A alternativa é comprá-lo através de firmas especializadas intermediárias que o guardam.

Mas tal como aconteceu com o investimento em selos por esse tipo de mecanismo, isso não acarreta riscos de burla?

Acarreta, de facto. Por isso a escolha dos intermediários tem de ser cuidadosa. Essas empresas têm de ter normas de governação estritas e o ouro deve ser auditado.

E AINDA

Imobiliária espanhola Llanera pode fechar

CONSTRUÇÃO A construtora e imobiliária Llanera pode vir a ser uma das primeiras grandes vítimas da crise imobiliária que alastra em Espanha. Os seus responsáveis estão a tentar negociar uma dívida de 746 milhões de euros com vários bancos credores, mas debatem-se com sérios problemas de liquidez. Em causa estão também 600 postos de trabalho.

Nokia quer entrar nos serviços móveis

GEOREFERENCIAÇÃO A gigante finlandesa anunciou ter acordado comprar por 57,2 mil milhões de euros a Navtech, uma empresa de Chicago especializada em fornecer mapas electrónicos para fabricantes de telemóveis, de GPS, e sítios na web.

BBC compra os Guias Lonely Planet

VIAGENS A BBC Worldwide adquiriu 75% da editora de guias e de programas televisivos de viagens Lonely Planet, criada pelo casal Tony e Maureen Wheeler. O valor da aquisição não foi oficialmente divulgado. Os guias não levarão o logotipo da BBC.

BANCA

ABN muda de mãos hoje

Depois de uma batalha de seis meses, o consórcio liderado pelo Royal Bank of Scotland (RBS) deverá ser declarado vencedor

Esta tarde fica decidido quem são os novos donos do banco holandês ABN Amro, mas o futuro da instituição está longe de ser conhecido. O prémio de quase 70% sobre o valor das ações oferecido pelo consórcio liderado pelo RBS e a turbulência dos mercados que levou à desvalorização da proposta do Barclays em cerca de 3 mil milhões de euros ditaram a sentença. Desolados estão os holandeses, que não tiveram voto na matéria.

A Comissão Europeia (CE) só ontem se pronunciou sobre a oferta do banco belga-holandês Fortis, que em conjunto com o Santander e o RBS — que já obtiveram pareceres positivos — lançou a oferta concorrente à do Barclays sobre o ABN Amro. O sim europeu era o último degrau que faltava para o êxito da mega-oferta no valor de 71 mil milhões de euros. Os reguladores holandeses também deram apoio à operação, quando apontaram o prazo de aceita-

ção da oferta do Barclays para ontem e a do consórcio para o dia seguinte.

Para responder aos receios da Comissão sobre questões de concorrência na Holanda, o Fortis apresentou no dia 21 de Setembro um plano de investimentos no qual propunha a venda do Hollandsche Bank, 12 sucursais, duas unidades de clientes corporativos e a venda da carteira dos clientes dos negócios que fazem parte deste plano. No total, o desinvestimento representa 10% da unidade de negócios na Holanda em activos, lucros e sinergias.

A oferta do Barclays perdeu boa parte do seu valor por ser em grande medida por troca de ações próprias. Os títulos do banco caíram nas últimas semanas devido à crise financeira que arrasou os mercados e a oferta valia ontem perto de 62 mil milhões de euros contra os 65 mil milhões previstos no lançamento da operação. A oferta do consórcio concorrente (RBS, Santander e Fortis) é substancialmente superior: 71 mil milhões de euros, quase tudo em dinheiro. Quando o prémio é de 50%, os analistas começam a colocar em causa as

sinergias obtidas. Mas, neste caso concreto, o prémio oferecido por Fred Goodwin, presidente-executivo do Royal Bank of Scotland, e pelos seus parceiros de consórcio é de 70%. A 1 de Janeiro deste ano as ações do ABN estavam a €24,35. Desde então, o DJ Stoxx Banks Index caiu cerca de 10%, o que sugere que as ações do banco holandês deveriam custar perto de €21,95. Ora, o consórcio paga €38 por ação. E deverá ser declarado vencedor.

O resultado não acarreta insatisfação apenas ao Barclays. O modelo de desmembramento do ABN que o consórcio pretende levar a cabo está a devastar os holandeses.

Depois de muita tensão — que promete continuar —, tribunais e algumas reviravoltas, uma das principais figuras da maior operação de sempre na banca não deverá estar presente quando for anunciado o resultado, no fim do dia de hoje. Trata-se do presidente do ABN, Rijkman Groenink, que teve de se afastar devido a uma apendicite que obrigou a uma cirurgia, da qual está a recuperar.

ISABEL TAVARES
deconomia@expresso.pt

QUÍMICA

Hovione dispensa inspeção da OSHA

A empresa portuguesa entrou para o Programa Voluntário de Protecção da agência governamental de Segurança e Saúde dos EUA

A candidatura da Hovione ao Programa Voluntário de Protecção VPP Star da OSHA (Occupational Security and Health Administration) foi aceite pelas autoridades norte-americanas, o que coloca a empresa portuguesa produtora de princípios activos para a indústria farmacêutica “no grupo de instalações de elite que providenciam uma protecção exemplar em Segurança e Saúde”, frisou Edwin G. Foulke, Jr., secretário assistente do Departamento do Trabalho.

A atribuição do mais alto galardão desta entidade governamental americana ao Centro de Transferência de Tecnologia da Hovione, em New Jersey, retira de imediato estas instalações do calendário de inspeções regulares da OSHA, mas não diminui os direitos e responsabilidades da empresa em matéria de Segurança e Saúde. “As queixas dos empregados, fatalidades, catástrofes ou fugas significativas de

produtos químicos na instalação continuarão sob alçada dos procedimentos normais da OSHA”, recordam os seus responsáveis. Anualmente, até ao dia 15 de Fevereiro, a Hovione deverá submeter à OSHA o relatório mais recente ao seu sistema de avaliação de gestão de Saúde e um conjunto de dados estatísticos (horas totais de trabalho, média anual de emprego, números e rácios de doença e acidentes de trabalho, etc...).

Congratulando-se com a distinção, Guy Villax, presidente executivo da Hovione, destacou as diferenças entre as legislações europeia e norte-americana nesta matéria, sublinhando que, “por falta de aplicação das leis e das sanções, o não cumprimento está a tornar-se numa das maiores vantagens competitivas no mercado da União Europeia”. Em contrapartida, “o Programa Voluntário de Protecção da OSHA tem impactos positivos e liberta recursos para inspeccionar outras instalações onde os «standards» poderão ser mais fracos”.

ALEXANDRE COUTINHO
acoutinho@expresso.pt